

## **Arte no Instagram: Contra Narrativas e Novas Dizibilidades**

Fabiana Moraes da Silva<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/CAA)

Maryane Martins dos Santos Gomes<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/CAA)

### **RESUMO**

Ao longo dos tempos, o sistema da arte tem subalternizado trajetórias e escolhido atentamente artistas visuais que são palatáveis ao padrão ocidental. Mas, através das redes sociais, artistas mulheres, massivamente marginalizadas nesse campo, estão redesenhando novas formas de falar e mostrar não só a si, mas a grupos e populações. É importante refletir sobre a divulgação, através destas redes, de novas políticas do ver na arte contemporânea e nos espaços midiáticos. Elas restauram imagens, reconstróem discursos e subvertem a lógica dominante-europeia-colonizadora, estratégias que afirmam um espaço de fala e escuta para pessoas subalternizadas. Esta pesquisa se debruça neste importante lugar de conexão entre arte e comunicação, focando uma rede social, o *Instagram*, como lugar de interesse.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte; Redes Sociais; Subjetividade; Comunicação; Contra-hegemonia.

### **1. INTRODUÇÃO**

A produção midiática em suas mais diversas plataformas - redes sociais digitais e analógicas, sites, meios televisivos, rádios e podcasts, meios impressos, etc. - há muito é estudada intra e extra academicamente. A arte produzida por mulheres periféricas e/ou fora dos centros, não tanto. Porém, ambas levantam questões como estereótipos, racismo, classismo, machismo e outras outrofobias (Castro, 2020). É na busca por instaurar novas dizibilidades e visibilidades (Albuquerque Jr, 2009), que uma série de atores sociais vêm produzindo, nas redes sociais e em larga escala, novas representações como forma de recuperar discursos e identidades machucadas.

Quando a Comunicação começou a se estruturar como área de conhecimento adotou fontes epistêmicas hegemônicas. Isso explica por que o campo teórico da comunicação hoje requer uma intervenção descolonizadora (VILLANUEVA, 2018). Essa pesquisa se propõe a estender a importância dessa intervenção no campo das artes e das redes sociais a fim de

---

<sup>1</sup> Docente no curso de Comunicação Social - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)/Centro Acadêmico do Agreste (CAA). E-mail: Fabiana.msilva2@ufpe.br

<sup>2</sup> Graduanda em Comunicação Social - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)/Centro Acadêmico do Agreste (CAA). E-mail: maryane.martins@ufpe.br

realizar uma radiografia localizada destes fenômenos, assim como servir de fio para a produção de material que aponte para possibilidades de olhares heterogêneos.

Este trabalho faz parte da pesquisa “Mídia e subjetividade: uma análise sobre a manutenção do poder através da produção noticiosa e o fomento de estratégias insurgentes”, que, entende a relação arte e redes sociais como construtora de novas imagens e imaginários sociais. E, se soma ao projeto de pesquisa atrelado ao grupo Observatório da Vida Agreste (registrado no CNPq), que quer contribuir teórico-metodologicamente com novas leituras, debates, proposições e produções que estimulem uma democracia mais ampla, na qual questões como raça, classe, território, gênero e colonialidade são ressignificadas através da arte e da comunicação em geral.

Sendo, este artigo, a primeira parte da pesquisa “Restaurando Imagens, Reconstruindo Discursos: Redes Sociais de Artistas Mulheres e Novas Visibilidades”, o recorte inicial se dará sobre a divulgação dos trabalhos da artista Hariel Revignet (@harielrevignet), em seu instagram. E, com a realização de entrevista, pensar e observar práticas, subjetividades e contra-narrativas produzidas pela artista na plataforma.

## 2. O INSTAGRAM COMO ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO

Na modernidade, as redes sociais se tornaram meios para que o indivíduo se expresse, construa e desconstrua narrativas e representações. Criado como uma rede para o compartilhamento de fotos, o *Instagram* foi desenvolvido em 2010 por Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger, permitindo interações sociais entre seus usuários. O objetivo da plataforma era sanar uma necessidade das pessoas que tiravam fotos com seus celulares e não tinham uma forma fácil de compartilhar com seus amigos, sendo um espaço de sociabilidade, onde é possível subverter os modos de fazer imagem, mas também os modos de olhar, de ser visto e supervisionado (BEIGUELMAN, 2022).

Neste sentido, entender o funcionamento do *Instagram* e suas lógicas de interação é percebê-lo como espaço aberto a novos modos de produzir sentido, de se relacionar e expressar subjetividades. Estas criam entre os sujeitos uma rede afetiva, que permite a aproximação de narrativas e sentimentos de identificação e representatividade. De acordo com Hall (2005), representar é conectar-se ao mundo, ao real e à cultura através da linguagem. Representar é, portanto, produzir significado, dar sentido a si próprio e ao meio que nos cerca.

Foi nesse contexto que o *Instagram* tornou-se um importante instrumento para que artistas pudessem divulgar seus trabalhos. Esses interlocutores, muitas vezes, experimentam em suas artes - e, conseqüentemente, nas suas redes sociais - novas formas de contar e representar. De acordo com Canclini (1984), para compreender a arte como um produto das condições materiais e culturais de cada sociedade é necessário uma mudança de perspectiva.

As expressões artísticas, agora, ganham novas formas de visibilidade e dizibilidade (ALBUQUERQUE JR, 1994) através da plataforma *Instagram* que remodela o espaço que antes era único aos museus e galerias. Quando se tem (não tanto, mas ainda) estes como propagadores de uma arte branca e eurocêntrica, as redes sociais surgem como um meio de transgressão da imagética construída ao longo de séculos de exploração e violência. Isso permite a criação de novas narrativas e abre caminho para a participação de grupos historicamente subalternizados e sub-representados na mídia. As imagens adquirem complexidades, contradições e rupturas que podem subverter a ordem hegemônica, com o potencial distributivo, democrático e disruptivo das redes.

### 3. TRANSGREDINDO ESPAÇOS E SUBVERTENDO NARRATIVAS

Através da criação de conteúdos que desafiam os padrões estéticos e sociais impostos pela cultura hegemônica, muitas artistas, ao utilizarem o Instagram, se apoderam da plataforma e contribuem para desconstrução de estereótipos e construção de identidades plurais. De acordo com Castells (2017), as redes sociais constituem "um espaço de interconexão em tempo real, sem restrições geográficas e sem hierarquias explícitas". O autor enfatiza que essas plataformas podem ser fundamentais para a disseminação da cultura e acesso a conteúdos artísticos, especialmente para pessoas que vivem em regiões distantes ou com menor acesso a espaços culturais.

Dessa forma, o uso das redes sociais por artistas e produtores culturais pode contribuir também para a democratização<sup>3</sup> do acesso à cultura e à arte (CASTELLS, 2017). Assim, para não ficarem na dependência de museus, galerias, entre outras opções, usuários-artistas utilizam o Instagram como espaço de divulgação dos seus trabalhos, o que facilita as

---

<sup>3</sup> De acordo com dados do levantamento *Global Overview Report*, da organização Kepios, há dez anos atrás, metade dos brasileiros tinha acesso à internet, hoje, são 84%, que representa 181,8 milhões de usuários. Isso corresponde a um aumento de 78%. Os brasileiros gastam, em média, 15 horas e 54 minutos por mês no Instagram, isso é equivalente ao dobro de horas que um norte americano gasta na rede social da Meta. Fonte: <https://datareportal.com/reports/digital-2023-brazil>

visualizações e encurta distâncias, principalmente quando se trata de portfólio, divulgação de projetos e propagação de cultura.

Hall (2006) defende que é preciso criar espaços de representação que permitam a expressão da diversidade cultural e que desafiem as fronteiras entre o “normal” e o “diferente”. É nesse sentido que se pode dizer que essas criações são equivalentes sensíveis de uma determinada realidade e se configuram, portanto, como práticas de representação (MORAES; DOS ANJOS, 2020).

Essas práticas podem criar estratégias para um contra-olhar a um imaginário hegemônico, onde alteridades emergem e nos tiram de um lugar comum. Isso representa a afirmação da cultura e da arte como fontes de um reparo necessário e justo à uma população historicamente invisibilizada e explorada. É preciso “transformar as imagens, criar alternativas, questionar quais tipos de imagens subverter, apresentar alternativas críticas e abrir espaço para imagens transgressoras” (HOOKS, 1992), e assim, pensar sobre a importância da construção desses novos espaços, que surgem como possibilidades de comunicar e reivindicar um olhar que sempre foi de um Outro.

Neste sentido, é possível pensar nos museus enquanto espaços de fala, onde ocorreram processos de visualidades e criação de imagéticos que, também, reforçaram padrões. Alargando o olhar, as redes sociais surgem como espaços que possibilitam uma democratização desse repertório imagético. Essa abertura chega a corpos, territórios e identidades que tiveram suas narrativas silenciadas ao longo dos tempos. São corpos de mulheres, corpos trans, corpos pretos, que passaram por processos violentos e excludentes. “A ação de não olhar deve ser, assim, vista como uma estratégia da imposição de subjetividades – existências – sobre outras.” (MORAES, 2022).

Vale pensar ainda que, embora mais democráticas (apesar desse termo ter diversos senões), não se pode esquecer que as redes sociais são espaços que também disseminam padrões Beiguelman (2019) alerta para o risco de que a proliferação de imagens no Instagram possa levar a uma uniformização e banalização da cultura, em que as obras de arte são reduzidas a meros produtos de consumo e entretenimento. Ela também questiona a dinâmica do algoritmo da plataforma, que muitas vezes prioriza o que é mais popular e lucrativo em detrimento da diversidade e qualidade artística.

Por outro lado, ter os trabalhos e os corpos (e corpos) de artistas mulheres subalternizadas pela lógica dominante é, além de tudo, uma afirmação da possibilidade de outras formas de existências. Essas práticas estão interessadas em reivindicações de

autoridade (KILOMBA, 2019), nas quais as obras das artistas permitem que suas subjetividades emergjam.

Quando se fala de comunicação e arte, se abre espaço para pensar numa produção de informação que se dá por uma linguagem rejeitada pelos critérios da objetividade. Falar sobre uma recusa a esses critérios é também falar sobre decolonialidade. É isso que Kilomba denuncia em sua palestra-performance: “Isso não é nada objetivo! Você tem que ser neutra. Tais comentários ilustram uma hierarquia colonial, pela qual pessoas negras e racializadas são demarcadas. Assim que começamos a falar e a proferir conhecimento, nossas vozes são silenciadas por tais comentários, que, na verdade, funcionam como máscaras metafóricas” (KILOMBA, 2016).

Villanueva (2018) fala sobre a importância em observar o real social a partir de uma posição diferente da que a Modernidade estabeleceu, possibilitando uma perspectiva não simplesmente rebelde, mas “in/surgente, ou seja, que irrompe no espaço do pensamento a partir outro lugar de enunciação e se opõe às pretensões de autoridade do estabelecido, ao mesmo tempo em que oferece um caminho consistente para reinterpretar a totalidade e nela intervir”. Essas práticas criam estratégias para um contra-olhar a um imaginário hegemônico (branco-europeu-colonizador), onde alteridades emergem e nos tiram de um lugar comum.

Isso representa a afirmação da cultura e da arte como fontes de um reparo necessário e justo à uma população historicamente invisibilizada e explorada. A artista Hariel Revignet experimenta em suas artes - e, conseqüentemente, nas suas redes sociais (@harielrevignet) - novas formas de contar e representar, instaurando assim, possibilidades insurgentes de aparições midiáticas.

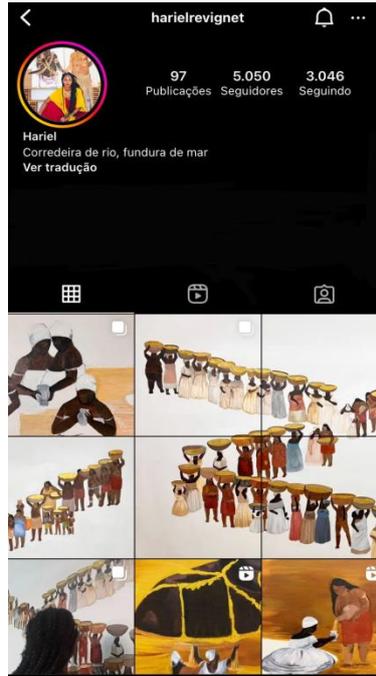
#### **4. ANÁLISE DO PERFIL DA ARTISTA**

O processo de dominação colonial também obteve controle por meio da colonização dos imaginários, ou seja, da repressão e imposição de modos de conhecer, produzir conhecimentos, imagens, símbolos e significados. A partir de perspectivas decoloniais e antirracistas, a artista brasileira-gabonesa Hariel Revignet transcende, com suas produções, imagéticas construídas ao longo séculos de exploração dos seus ancestrais. As artes por ela produzidas que, antes não cabiam (nem) nos museus, espaços majoritariamente brancos e heteronormativos, hoje encontram nas redes sociais um meio de divulgação mais democrático e possível. Em entrevista realizada para a produção deste artigo, a artista conta:

O *Instagram* atualmente é a rede social em que mais divulgo o meu trabalho, apesar de me considerar low profile. Decidi manter os trabalhos mais relevantes, como uma espécie de portfólio resumido. Porque muitas pessoas pesquisam o artista através da internet, e querendo ou não, acaba tendo uma avaliação mais profissional da rede social. (REVIGNET, ENTREVISTA, 2023)

Com cerca de 5 mil seguidores, em seu perfil podemos observar imagens de pinturas, desenhos, processo de criação artística, posicionamento e referências. Ao acessar o *Instagram* @harielrevignet é notável como ela assume esse perfil mais profissional, com a exposição do seu trabalho. Suas temáticas envolvem raça, cultura e ancestralidade, manifestando intersecções sociais a partir do feminismo negro com o foco decolonial, afrodiaspórico e ameríndio. Por também ser pesquisadora, Hariel se apropria das redes como um espaço de compartilhar ideias e projetos, assim como os processos de produção artística. As imagens abaixo apresentam algumas das postagens realizadas pela artista.

*magem 1: Instagram da artista Hariel Revignet*



*Fonte: As autoras (2023)*

*Imagem 2: Instagram da artista Hariel Revignet*



*Fonte: as autoras (2023)*

*Imagem 3: Instagram da artista Hariel Revignet*



*Fonte: as autoras (2023)*

Há uma desobediência epistêmica em suas obras, muitas delas são pinturas-instalações, e um rompimento com o imaginário hegemônico, por serem trazerem confronto com ideias coloniais. As legendas de suas fotos são, muitas vezes, um convite a uma imersão na obra. É certo que a arte permite múltiplas interpretações e atravessa a subjetividade de cada um, porém Hariel apresenta o seu universo artístico ali.

É preciso lembrar que qualquer produção artística está sempre ligada, aos lugares e aos tempos vividos por seus autores, bem como ao que mais lhes importa ou interessa. Aquilo que é inventado pelos artistas ou mediado por suas subjetividades sempre deixa transparecer, como sintoma ou como análise, uma situação e um contexto precisos. (MORAES; DOS ANJOS, 2020)

Assim, cada vez que a artista enuncia, por meio de suas produções, fatos, situações e grupos sociais que não constam nos acordos tácitos sobre como representar o mundo onde vivem, promove fissuras em consensos (MORAES; DOS ANJOS, 2020). Para artistas racializadas fora do eixo Rio e São Paulo, como é o caso de Hariel, as redes sociais ganham maior impacto. Isso porque acaba, muitas vezes, sendo o único meio de curadores e colecionadores chegarem até tais trabalhos, quando não é possível visitas aos ateliês ou exposições regionais. Também permite que pessoas que não vão aos museus, galerias acessem os trabalhos de maneira gratuita porém,

é importante pensar no Instagram como uma plataforma de informações, mas que a obra de arte ainda precisa de interação. A foto de uma obra não consegue abarcar a

energia física e a emoção que ela gera. Nas redes sociais não cabe as imperfeições, os erros ou as trocas, que acontecem com uma ação educativa de uma exposição, por exemplo. A rede social pede likes e gera aprovação ou rejeição, isso é complicado. (REVIGNET, ENTREVISTA, 2023)

É necessário pensar que o *Instagram* é também condicionado pelos algoritmos, fazendo com que haja uma certa sobreposição de temas, e valorização de quem tem muitos seguidores. Para Beiguelman, essa lógica algorítmica "transforma a imagem em um produto que deve gerar engajamento e interação" (BEIGUELMAN, 2019), o que pode gerar muita ansiedade pro artista que depende deste meio e esse processo de "gerar conteúdo" para a rede social ficar acima da pesquisa artística. Revignet conta que é preciso sempre ser estratégica e fazer a auto curadoria das redes sociais,

Porém é tudo muito complicado por ali, qualquer comentário ou publicação pode reverberar em críticas e julgamentos superficiais que recaem sobre o trabalho. A interseccionalidade precisa ser observada de gênero, raça, classe, sexualidade e até região para entender como as redes sociais afetam a recepção do trabalho artístico nas redes sociais. (REVIGNET, ENTREVISTA, 2023)

Analisar, portanto, os novos sentidos da arte na contemporaneidade é falar sobre esse "mundo paralelo" das redes, que coexiste com a arte, mas ao mesmo tempo a desloca, e que ganha força com as relações artista- criação, obra-público, entre obra-reprodução, entre-reprodução e os imaginários que se constituem a partir dela.

## 5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Foi realizado um levantamento bibliográfico para estudo das questões referentes à colonialidade, arte e comunicação. Leituras de autores e autoras como Sodré, Villanueva, Borges, Moraes, Kilomba, Hooks foram fundamentais para nortear teoricamente o estudo. Elas abordam questões como colonialidade, raça e racismo, insurgência, mídia, cultura, arte, ativismo e subjetividade. Nosso corpus dá ênfase ao conteúdo das redes sociais de Hariel Revignet (@harielrevignet).

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, as redes sociais possibilitam experiências mais democráticas, no que diz respeito a produções de pessoas historicamente marginalizadas. Assim, elas podem atuar para construir novos valores e conhecimentos, novas formas, percepções e discursos. Estamos vivendo em um momento histórico de insurgência, no que se refere às artistas mulheres que trazem uma perspectiva decolonial, comprometidas em compreender. Elas superam o lugar

de outro, sempre trazido por grupos hegemônicos, por meio de um olhar estereotipado. Hariel Revignet (@harielrevignet) assume o lugar de protagonismo de sua própria história, apresentando novos temas, discussões, práticas, subjetividades e poéticas, que são produzidas e protagonizadas por ela.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O engenho anti-moderno: A invenção do Nordeste e outras artes**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

BEIGUELMAN, Giselle. **O livro depois do livro**. São Paulo: UBU, 2019.

\_\_\_\_\_. **Políticas da imagem**. São Paulo: UBU, 2021.

BORGES, R. Mídias, racismos e outras formas de destituição: elementos para o reposicionamento do campo da comunicação. In: CORREA, L. G. **Vozes Negras em Comunicação: Mídia, racismos, resistências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CANCLINI, Nestor. **Socialização da Arte**. São Paulo: Cutrix, 1984.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 271 p.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A., 2006. Disponível em: < [https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com\\_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf](https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf)>. Acesso em: 05 mai. 2023.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. OLIVEIRA, Jess (trad.). 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. Disponível em: <[https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/MEMORIAS\\_DA\\_PLANTACAO\\_-\\_EPISODIOS\\_DE\\_RAC\\_1\\_GRADA.pdf](https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/MEMORIAS_DA_PLANTACAO_-_EPISODIOS_DE_RAC_1_GRADA.pdf)>. Acesso em: 02 mar. 2023.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate**. Arquipélago Editorial. Porto Alegre: 2022.

MORAES, F.; DOS ANJOS, M. Arte-jornalismo: representação, subjetividade, contaminação. **Lumina**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 39–54, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/30099>. Acesso em: 4 mai. 2023.

SODRÉ, Muniz. A forma de vida da mídia. In: **Revista Pesquisa Fapesp**, São Paulo, Ed. 78, 2002. Entrevista concedida a Mariluce Moura, publicada em Agosto/2002. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2002/08/01/a-forma-de-vida-da-midia/>. Acesso em: 01 de

VILLANUEVA, Erick R. Torrico. La comunicación decolonial, perspectiva in/surgente. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 15, n. 28, 2018.

XAVIER, C.; L. Oliveira, **Egomuseum: (Self)representation in social media**, 12th Iberian Conference on Information Systems and Technologies (CISTI), Lisbon, Portugal, 2017, pp. 1-4, Disponível em: < <https://doi.org/10.23919/CISTI.2017.7975714>>. Acesso em: 23 abr. 2023.